

Anarquistas mortos no Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954)



INDÍCE

Quem foram os anarquistas mortos no Tarrafal	2
PEDRO MATOS FILIPE	4
FRANCISCO DOMINGUES QUINTAS	6
ABÍLIO AUGUSTO BELCHIOR	8
ARNALDO SIMÕES JANUÁRIO	10
MÁRIO DOS SANTOS CASTELHANO	13
PAULO JOSÉ DIAS	16
JOAQUIM MONTES	18
MANUEL ALVES DOS REIS	20
MANUEL AUGUSTO DA COSTA	22

Quem foram os anarquistas mortos no Tarrafal

Dos 32 presos, que morreram no Tarrafal durante os 18 anos em que o “Campo da Morte Lenta” esteve a funcionar como prisão para os presos políticos portugueses (1936-1954), 9 eram anarquistas, a maior parte ligada à organização do movimento do 18 de janeiro de 1934 contra a fascização dos sindicatos.

Morreram vítimas das condições insalubres do campo, dos maus tratos, da falta de assistência médica e das febres que regularmente abatiam até os mais fortes.

Foram vidas de sacrifício e de luta, mas também de uma enorme coragem, carregando diariamente, como diziam, a força que o Ideal lhes dava e com a qual enfrentavam os carcereiros e o regime fascista que vigorava em Portugal.

Estes foram os que sucumbiram, por entre muitas outras dezenas de anarquistas que ao longo dos anos passaram pelo Tarrafal, alguns deles durante mais de uma década, mas que conseguiram resistir e regressar às suas casas e família, e – muitos também – ao combate por uma nova sociedade sem exploradores nem opressores.

A todos os que estiveram no Tarrafal, a nossa homenagem, mas em especial aos libertários que aqui recordamos e que deram a sua vida pela causa dos trabalhadores e do anarquismo.

(Nota: incluímos neste número de anarquistas o talhante Francisco Domingues Quintas, preso na fronteira da Galiza e enviado com os filhos para o Tarrafal, porque, embora considerado, em geral, como “socialista”, Acácio Tomás de Aquino, responsável pela Organização Libertária Prisional do

Tarrafal, e que com ele conviveu, apresenta-o também como “simpatizante libertário”. Fazemo-lo igualmente com Paulo José Dias, sobre quem não há muitos elementos. A sua morte é, no entanto, sentidamente relatada no livro do anarquista Manuel Francisco Rodrigues (Tarrafal, aldeia da morte) que refere ter sido ele acompanhado até ao último suspiro pelo anarquista Joaquim Duarte Ferreira, um elemento destacado da Organização Libertária Prisional. As biografias foram retiradas de vários sites, tal como as fotos, e a eles fazemos referência no final dos textos).



PEDRO MATOS FILIPE (1905-1937)

Anarco-Sindicalista, estivador, foi a primeira vítima do Campo de Concentração do Tarrafal, falecendo aos 32 anos, um ano após a sua chegada, vítima de biliose, sem qualquer assistência médica.

Pedro de Matos Filipe nasceu em Almada em 19 de Junho de 1905. Era carregador/estivador de porto e sindicalista. Presidia à assembleia geral da Associação “Terra e Mar”, de Almada. Residia, então, na Quinta da Regaleira, Cova da Piedade. Participou no movimento de 18 de Janeiro de 1934, em Almada, tendo promovido a greve na fábrica Parry & Son.

Preso em 30 de Janeiro de 1934, acusado de posse de explosivos e bombas, que não chegou a utilizar, foi condenado pelo Tribunal Militar Especial a 12 anos de degredo e multa de 20.000\$00.

Enviado, em 8 de Setembro de 1934, para a fortaleza de São João Baptista, em Angra do Heroísmo.

Seguiu para o Tarrafal em 23 de Outubro de 1936, vindo a falecer em 20 de Setembro de 1937, de biliosa, sem qualquer assistência médica ou farmacêutica (1).

Segundo Acácio Tomás de Aquino (2), Pedro de Matos Filipe, que “era um dos rapazes mais fortes do Acampamento”, quando morreu “estava reduzido a pele e osso”. No último encontro com o amigo, este disse que estava “com uma diarreia de sangue há bastante tempo, e o médico nada me fez até à data!” [O Segredo das Prisões Atlânticas, A Regra do Jogo, 1978, p. 94].

O seu nome está assinalado numa rua da Cova da Piedade, Almada.

Notas:

(1) No mesmo dia, também morreu o marinheiro Francisco José Pereira, de 28 anos. Foram as duas primeiras vítimas do Campo de Concentração do Tarrafal.

(2) Acácio Tomás de Aquino (1899 — 1998) foi um militante destacado da Confederação Geral do Trabalho, anarco-sindicalista, organizador da greve geral de 18 de Janeiro de 1934 e então condenado a 12 anos de degredo em prisão. Com Pedro de Matos Filipe (e outros antifascistas), seguiu para Angra do Heroísmo a 8 de Setembro, sendo transferidos para o Tarrafal, a 23 de Outubro de 1936. Regressou a Portugal a 10 de Novembro de 1949. Todavia, só alcançou a liberdade total, a 22 de Novembro de 1952.

<https://www.facebook.com/FascismoNuncaMais/posts/1008979245878121>



**FRANCISCO DOMINGUES QUINTAS
(1889 –1937)**

O talhante Francisco Domingues Quintas e os filhos Patrício e Domingos Domingues Quintas viviam refugiados em Ferrol, na Galiza, tendo aí sido presos em 1936, na sequência da Guerra Civil, e entregues à polícia política portuguesa em 28 de Agosto.

Os três integraram a primeira leva enviada para o Tarrafal em 18 de Outubro de 1936, tendo o pai, natural de Grijó, aí falecido em 22 de Setembro de 1937, com 47 anos de idade.

Os dois filhos recusaram o indulto de Natal de 1939, regressando ao continente em Julho de 1940.

Em 12 de Junho de 1943 foram, novamente, enviados para o Campo de Concentração, onde permaneceram até Outubro de 1945.

Dos filhos, um ter-se-á aproximado no Tarrafal dos comunistas e o outro do grupo de presos anarquistas.

Quanto ao pai, Francisco Domingues Quintas, o Projecto Mosca, baseado em informação de Acácio Tomás de Aquino identifica-o como socialista e, depois, simpatizante libertário.

<http://silenciosememorias.blogspot.com/2016/01/1321-pai-e-dois-filhos-no-tarrafal-i.html>

http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=206&Itemid=47



ABÍLIO AUGUSTO BELCHIOR (1897 –1937)

Abílio Augusto Belchior, filho de Maria Joaquina e de Manuel dos Santos Belchior, nasceu em Urros, Concelho de Moncorvo, a 1 de janeiro de 1898 e vivia no Porto onde era marmorista. É nesta cidade que é detido a 2 de janeiro de 1932, “por fazer parte da Confederação Geral do Trabalho”, sendo libertado cerca de um mês depois.

Foi novamente detido a 14 de abril de 1932, acusado de ter participado, com Francisco Alberto, no atentado contra o Adjunto da Polícia Política do Porto, Francisco do Passo, no dia 2 de janeiro. Por parecer do Diretor-Geral da Segurança Pública e concordância do Ministro do Interior foi-lhe fixada residência na Ilha Terceira, nos Açores.

Em 16 de julho de 1932 entrou na Penitenciária de Lisboa, vindo do Porto, ficando a aguardar o embarque para os Açores. Voltou ao Porto em julho de 1933 para ser julgado pelo Tribunal Militar Especial, o que aconteceu apenas em 23 de junho de 1934, sendo condenado a catorze anos de degredo, com prisão, e na multa de 20.000\$00.

Da cadeia da Relação do Porto foi transferido para a Prisão do Aljube, em Lisboa, a 19 de março de 1935 e quatro dias depois embarcou no vapor Carvalho Araújo com destino à Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores.

A 23 de outubro de 1936 fez parte do primeiro grupo de presos políticos a seguir para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde faleceu a 29 de outubro de 1937, com 39 anos de idade.

<https://www.museudoaljube.pt/doc/abilio-augusto-belchior-2/>



ARNALDO SIMÕES JANUÁRIO (1897-1938)

Arnaldo Simões Januário nasceu em Coimbra a 6 de Junho de 1897. Barbeiro de profissão, militante operário e anarquista, morreu no Campo da Morte do Tarrafal a 27 de Março de 1938 "vitimado por uma bilirose anúrica sem qualquer assistência médica nem medicamentos, depois de vigorosos anos de combatividade e de sofrimento nos cárceres da ditadura e na deportação por diversas vezes" [in Perfil de Arnaldo Januário, revista Vértice, nº365-366, Junho-Julho, 1974]. A sua vida "é uma admirável lição de coragem e generosidade" [in CGT, Órgão Regional, 1947, ibid.].

Arnaldo Januário, de rara inteligência e acção, foi um propagandista e um organizador dos sindicatos e da luta operária, em Coimbra. Militante libertário da "União Anarquista Portuguesa", colaborou no jornal A Batalha, A Comuna, O Anarquismo, O Libertário e na revista Aurora [cf. Luís, Arnaldo Simões Januário]. É preso, pela primeira vez em 1927, na sequência da repressão que se abateu sobre o movimento operário depois do 28 de Maio de 1926. A partir dessa data e até 1931, diversas vezes foi privado da liberdade, passando pelas "cadeias do Governo Civil de Coimbra, Aljube,

Trafaria, além de deportações em Angola, Açores e Cabo Verde, até ser internado no Campo de Concentração de Ué-Kussi ou Okussi em 22 de Outubro de 1931" [Vértice, *ibid*]. Em 1933 é posto em liberdade e regressa á sua cidade, Coimbra.

Não se deixando abater, física e ideologicamente, prossegue a sua campanha em prol do movimento operário e contra a ditadura. Não espanta, portanto, que apareça como um dos organizadores do movimento grevista e insurreccional de 18 de Janeiro de 1934, que na Marinha Grande e em Coimbra teve particular dureza repressiva. É referido [Id., *ibid*] que perante o "argumento do porrete" do PIDE Fernando Gouveia e seus esbirros, e em que a "maioria [dos grevistas] perdia os sentidos", tal a brutalidade e as torturas que lhes eram feitas, Arnaldo Januário, "num gesto nobre e altivo, declarou perante os seus carrascos que tomava inteira responsabilidade pela organização do Movimento Grevista que tinha por fim derrubar a ditadura". Tal facto determinou que apanhasse "tanta pancada que caiu sem sentidos em frente dos seus companheiros de cárcere, sendo ali, covardemente pisoteado pelos esbirros" [Id., *ibid*, aliás in Edgar Rodrigues, *O Retrato da Ditadura Portuguesa*]. É encarcerado no Aljube, depois vai para a Trafaria onde é julgado e condenado a 20 anos de prisão. Em Junho de 1934 é "enviado para o Forte de S. João Baptista, na Ilha Terceira". Aí, acusado de agitador juntamente com o também militante libertário Mário Castelhana, sofreu as piores ignomínias, em especial o ser enclausurado na célebre Paterna ("buraco aberto na rocha com 20 metros de profundidade e área de 5 metros quadrados, o tecto pingando agua dia e noite") durante 15 dias e 15 noites, sob o mando do esbirro Capitão Paz.

A 12 de Junho de 1937 é enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal, (fundado pelo Capitão Manuel Martins dos Reis e pelo médico Esmeraldo Pais Pratas) onde "definhavam e morriam um a um homens que anos atrás

representavam a elite operária do país, sob o olhar indiferente do director João Silva e de Seixas [agente da PIDE]".

Arnaldo Simões Januário, "lutador incansável que a tudo resistira, destruído física que não ideologicamente, sucumbe, enfim, a 27 de Março de 1938, rodeado dos cuidados possíveis dos seus companheiros mas sem os carinhos da família onde avultavam cinco filhos menores" [Id., Ibid].

J.M.M.

<http://arepublicano.blogspot.com/2008/03/arnaldo-janurio-70-anos-depois-da-sua.html>

<http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/index.php?p=digitallibrary/thumbnails&collectionid=71>



**MÁRIO DOS SANTOS CASTELHANO
(1896-1940)**

Mário Castelhana foi o último coordenador do Secretariado da CGT (Confederação Geral do Trabalho, anarco-sindicalista) e director do jornal “A Batalha” antes deste ser suspenso e proibido pelo fascismo.

De origem modesta, natural de Lisboa, começou a trabalhar aos 14 anos na Companhia Portuguesa dos Caminhos-de-Ferro. Participou nas greves de 1911, tendo depois colaborado na organização das de 1918 e 1920, motivo pelo qual foi despedido.

Passou então a ocupar-se de actividades administrativas no Sindicato dos Ferroviários de Lisboa, na Federação Ferroviária e na Confederação Geral do Trabalho. Membro da comissão executiva da Federação Ferroviária, ficou com o pelouro das relações internacionais e a responsabilidade de redactor-principal do jornal “A Federação Ferroviária”. Dirigiu também os jornais “O Ferroviário” e “O Rápido”.

Participou na reorganização do Conselho Confederal da CGT, após o 28 de Maio de 1926, de onde saiu eleito responsável pelo novo secretariado e redactor-principal de “A Batalha”. Após a tentativa insurreccional de Fevereiro de 1927, a repressão policial acentuou-se, a CGT é ilegalizada e o jornal “A Batalha” assaltado e a sua tipografia destruída, vindo Mário Castelhana a ser preso em Outubro do mesmo ano e deportado no mês seguinte para Angola, onde ficou dois anos.

Em Setembro de 1930, foi enviado para os Açores e em Abril de 1931, para a Madeira, participando na insurreição desta ilha contra o Governo. Com a derrota deste movimento, foge da Madeira, embarcando clandestinamente no porão do navio Niassa. Em 1933, estava de novo à frente do secretariado da CGT e faz parte do grupo que organiza o 18 de Janeiro de 1934, de que se assinalam agora os 79 anos.

O levantamento do 18 de Janeiro – que visava o derrube do regime fascista – teve a ver, como pretexto mais próximo, com a decisão de Salazar de impor aos sindicatos estatutos corporativos, de índole fascista. Ou seja, a fascização dos sindicatos. Algo que os anarco-sindicalistas da CGT não podiam aceitar.

Os militantes anarquistas, embora dizimados pela repressão dos últimos sete anos– já que foi contra eles que se dirigiu o mais odioso e implacável da repressão, uma vez que o Partido Comunista era quase inexistente (ou como escreveu ironicamente José de Almeida, um destacado militante anarquista dessa altura: “cabiam todos num banco de jardim”) – decidiram agir.

Apesar de pouco numerosos, os sindicatos ligados aos comunistas, bem como aos socialistas e autónomos, foram convidados a aderir ao movimento, em que Mário Castelhana esteve muito envolvido e que, por motivos diversos – nomeadamente, algum desleixo organizativo por parte dos comunistas que alertaram a policia através de comunicados

onde falavam da acção que iria ser desencadeada e da explosão de bombas na linha férrea, na zona de Xabregas – não teve o resultado esperado, com levantamentos operários mais relevantes apenas na Marinha Grande, Silves, Sines, Almada, Barreiro, Leiria, etc., mas sem atingir os principais centros populacionais. Largas dezenas de militantes anarco-sindicalistas e alguns comunistas foram presos. Mário Castelhana, que tinha sido um dos elementos-chave do movimento foi preso a 15 de Janeiro, três dias antes, e foi condenado pelo Tribunal Especial Militar a 16 anos de degredo. Embarcou em Setembro de 1934, com destino à Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, e em Outubro de 1936, para o campo de concentração do Tarrafal.

Ali, no campo da morte, Mário Castelhana destacou-se pela sua sólida formação moral, fundada sob uma forte energia e integridade. Isso transpareceu frequentemente, por exemplo, quando o acampamento foi atingido por uma epidemia. A maioria dos presos estavam acamados e sem medicamentos, mas Mário Castelhana, com a sua autoridade moral e capacidade de liderança, organizou a assistência aos doentes da melhor forma possível e com o que os poucos recursos permitiam. Mesas, cadeiras, tudo foi utilizado para o aquecimento da água de abastecimento necessária para suprir a carência em medicamentos. Mas assim que a crise passou Mário Castelhana sucumbiu em poucos dias queixando-se de dores no estômago. Morreu no Tarrafal a 12 de Outubro de 1940, juntando os seus restos mortais aos de mais 31 anarquistas, anarco-sindicalistas, comunistas e sem filiação que perderam a vida neste vil campo de concentração entre finais dos anos 30 e meados dos anos 50 do século passado.

<https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2013/01/18/memoria-libertaria-mario-castelhana/>

<https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2020/10/biografia-de-mario-castelhana-por-manuel-henriques-rijo.pdf>



PAULO JOSÉ DIAS (1904 - 1943)

Natural de Lisboa, nasceu a 24 de Janeiro de 1904, filho de José Paulo Dias e de Maria Picôto Dias.

Fogueiro marítimo, libertário, foi preso em 7 de julho de 1939, "para averiguações" - segundo informação do Registo Geral de Presos da PVDE. Quinze dias depois, foi transferido para o Reduto Norte da Cadeia de Caxias.

Em despacho do Director da PVDE (capitão Agostinho Lourenço), de 29 de Fevereiro de 1940, foi determinado que se mantivesse em prisão preventiva, devendo ser transferido para Cabo Verde até se esclarecer a situação internacional [este curioso despacho precede o envio de Paulo Dias para a 1.^a Esquadra, em 4 de Junho de 1940 e, de novo, para o Reduto Norte de Caxias em 7 de Junho de 1940.

Em 21 de junho de 1940, embarcou com destino ao Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde faleceu, com 39 anos de idade, a 13 de janeiro de 1943. (2)

(1) «Manuel Francisco Rodrigues, um dos tarrafalistas que sobreviveu à " aldeia da morte", assistiu à morte de Paulo Dias, que morreu de tuberculose galopante, após 4 meses de cama. Escreveu no seu livro: " Dizia-me ele, três dias antes de morrer: -- A hora da justiça vai chegar e eu, que estou aqui injustamente, sem culpas , sem processo e sem julgamento, voltarei em breve abraçar os meus filhos, sim, os meus filhos, pobrezinhos!...» À cabeceira da cama tinha uma moldura com as fotografias dos filhos e da esposa. Eram tão bonitos, os filhos!... Mas já não os verá mais. Já morreu!...»
In "Tarrafal, Aldeia da Morte" de Manuel Francisco Rodrigues, pág. 107.

<https://www.facebook.com/FascismoNuncaMais/photos/a.559109110865139/3369027133206642/>



JOAQUIM MONTES (1912 -1943)

Anarquista, membro da CGT, Joaquim Montes nasceu em Almada e trabalhava como operário corticeiro na Cova da Piedade. O seu envolvimento na revolta de 18 de janeiro de 1934 na Marinha Grande levou-o à prisão no dia 30 desse mesmo mês. Era acusado de, no âmbito daquela insurreição, ter distribuído bombas destinadas a deflagrar em Lisboa e noutros pontos do país, bem como, de ter sido um dos instigadores da paralisação do trabalho em Almada no dia 18 de janeiro.

Foi julgado pelo Tribunal Militar Especial em 8 de março desse ano. Condenado a catorze anos de degredo nas colónias, com prisão, e multa de 20.000\$00, a 8 de setembro de 1934 foi enviado para a Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores, onde permaneceu detido cerca de dois anos, até que, em 23 de

outubro de 1936, foi transferido para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Neste campo esteve durante seis anos e alguns meses, até à sua morte em 14 de fevereiro de 1943, com apenas 30 anos.

https://www.museudoaljube.pt/wp-content/uploads/2019/05/Joaquim-Montes_pt.pdf

http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=348&Itemid=47



MANUEL ALVES DOS REIS (1894–1943)

Marceneiro e libertário, era natural de Setúbal, filho de José Francisco Alves dos Reis e de Maria da Conceição, nascido a 17 de fevereiro de 1894.

Entregue à PVDE em 13-12-1936 pelo Administrador do Concelho do Barreiro, recolhe a uma esquadra e, em 30-12-1936, é transferido para a 1.ª Esquadra e, no dia seguinte, para a Cadeia do Aljube.

A 17 de março de 1937, é enviado para a Fortaleza Militar de Peniche, regressando ao Aljube em 1 de junho para, no dia 5 do mesmo mês, ser embarcado para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, sem sequer um "julgamento" que o condenasse.

Ao longo dos 7 anos que ali permaneceu, a sua saúde degradou-se e "dependia da ajuda dos companheiros, para se recostar nos travesseiros, para comer, para lhe lavarem a roupa, os pratos,

as colheres". Faleceu no dia 11 de junho de 1943, com a idade de 49 anos.

<https://www.memorial2019.org/site/presos/jose-manuel-alves-dos-reis>

http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=384&Itemid=47



MANUEL AUGUSTO DA COSTA (1887-1945)

Manuel Augusto da Costa nasceu em 1887 em Sabrosa, Trás-os-Montes, filho de Maria Costa e de pai incógnito. Conhecido como “Manuel da Horta” ou “Manuel da Amora”, residia na Amora, concelho do Seixal, e era servente de pedreiro na Fábrica da Pólvora, tendo também trabalhado como servente da indústria vidreira. Foi delegado do Sindicato dos Vidreiros da Amora ao Congresso Operário de 1919 e, em 1920, vai em missão à Marinha Grande.

Militante anarquista e sindicalista, participou na preparação do 18 de janeiro de 1934, em Almada, enchendo trezentas bombas para utilização durante a greve geral revolucionária. Devido à sua participação no 18 de janeiro é preso no dia 30 com uma arma e vinte balas, tendo sido ferido no ato da captura.

Foi condenado, em março de 1934, pelo Tribunal Militar Especial, a catorze anos de degredo nas colónias, com prisão, ficando à disposição do governo. Em setembro de 1934 foi deportado para a Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores, e a 23 de outubro de 1936 seguiu para o Campo de

Concentração do Tarrafal em Cabo Verde, tendo feito parte do grupo de presos que inauguraram o campo, onde fez parte da Organização Libertária Prisional do Tarrafal (OLPT).

Com 58 anos, sofrendo de diabetes e bastante fragilizado, viria a morrer a 3 de junho de 1945, poucos dias depois de ter cumprido 30 dias na “frigideira”, punição aplicada pelo teor de uma carta que teria escrito ao filho.

Tem placa comemorativa, pública, na Amora (1975).

http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=288&Itemid=47

<https://www.museudoaljube.pt/doc/manuel-augusto-da-costa/>